



O MÁGICO.

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro etc.
Comp., rua d'Alfaudela n. 135.— Assigna-se a 500 rs. por mez.

DOMINGO 2 DE MAIO DE 1852.

O PASSEIO DOS TREZ OU UM ROMANCE A' MODA

(Continuação do n. 23.)

— Dexemo-nos de vernizes. A França não é republicana. Quem sabe se não hade cedo realizar-se a predição do velho Marquez! (*)

— Entretanto, meus amigos, é o governo apontado primeiro pela mão de Deos. Esses que nós chamamos selvagens porque não conhecemos as suas instituições, ou porque temos o pensamento egoista de que a nossa civilização é a unica, esses são republicanos. E são tão felizes!

— O governo de Deos é o da familia, em que é precizo um centro, para onde convirem todos os raios de um circulo immenso.

(*) O Marquez de Maricá nos seus sabios joizos prediz a curta duração da república Franceza.

E onde isto é melhor executado — na republica, regida e calçada por uma unica vontade, ou no governo monarchico, onde são contrabalançado todos os poderes! Demais, os extremos são posições perigozas: a republica é um systema, e por isso mesmo exclusivo: o exclusivismo é inadmissivel: a forma adoptada deve ser a monarchica que é o eclectismo em politica.

— Meu Deos, que beleza! disse inexperadamente Leonardo, mostrando aos companheiros a figura angelica de uma bella joyem.

— E mesmo! confessarão os dois.

E em um instante tinham mudado de conversa.

VI.

— Não é possivel, dezia uma vez entusiasmado Leonardo, não é possivel que um homem deixe de ser poeta á vista de tal objecto! como deixar de inspirar-se a um quadro tão animador!

Estas ultimas palavras proferidas em um tom quasi solemne, que atrahio as attenções dos outros dois amigos.

— De que trattas Leonardo?

— Oh! pois não vez, estupido cego, a amenidade deste arvoredo, com seus esqueletos carcomidos a balançarem-se magestosamente ao sopro do norte?

Já tinham chegado ao deliciozo sitio de Matacavallos, quando o extatico admirador da natureza fez os seus companheiros contemplar o bello arvoredo que rodêa o monte, cercado em parte pela rua de Matacavallos.

— Com esta inspiração não ha ninguem que deixe de ser poeta...

— Ah! ainda crês em inspirações!

— Como não? oh! senhor; é até sacrilegio pensar de outro modo. Negar a inspiração!

— Eu não vou aos dois extremos, sahio-se então Augusto, que até ahi não havia entrado na questão: entretanto não vou muito contigo, Leonardo. A' vista de um grande spectaculo, de uma qualqua scena prodigiosa, o homem como que se abisma n'um extase que elle não percebe contempla insensato e não mede a extenção de seu pensamento. E nem neste caso pode desenvolver-se a reflexão?

— Para a poesia é precizo concentração. Embora essas vaãs opiniões que pretendem que o pensamento se desenvolva á sombra de uma arvore, e á margem de um rio, ou á beira de um precipicio; deixemos isso: o poeta forma-se no gabinete, no silencio, no divagar da ideia, sonhando ou recordando quadros.

— Pois não é mais natural que a alma do poeta seja abalada por commoções sensiveis, que a absorvão, do que n'auzencia dos objectos que lhe podião despertar essas commoções?

— E' um engano. Quantas vezes em uma noite escura o poeta descreve o alvorar da manhaã, o dourado do sol, o gorjeiar das aves; elle que não vê mais que trevas, tristezas, ou o piar de alguma ave agoureira? Será que um dos extremos faça-lhe recordar o outro? E quantas vezes tambem, n'uma aurora de delicias, elle pinta o negror de uma noite de tempestade, o estallar dos raios, o lascar das arvores á força da ventania? E' que elle vê o quadro pelas costas, e advinha o lado opposto. Perguntam ao Sr. Garret onde elle bebeo as inspirações dos palacios encantados, e dos esqueletos a voarem da sua tão admiravel D. Branca?

— Escutem-me. Ninguem duvida que o Corcovado é um dos lugares do Rio de Janeiro que possão atear mais sensações. E com effeito, do pincaro desse monte' olhando para o precepicio que se estende a seus pés, e oceano que se figura vasto como o Cœo, ninguem pode abafar em sua alma uma destas impressões sublimes, que o homem não pode dessinir. Pois eu fui à maneira de aventureiro, supondo queabalado profundamente, poderia entoar um cantico soberbo. Voces sabem que poeta não sou eu. Pois bem; levei todos os preparativos, cheguei ao come do serro, olhei, admirei-me por muito tempo, e voltei sem saber o que tinha visto. Eu pensava, e muito; tinha ideas quaes nunca as tive: mas quando dei acordo de mim estava já em baixo, e ainda tinha na mão um lapes e um papel branquissimo — nossa unica ferramenta.

— E é assim. O Dumas, e é o Dumas, diz que para se compor é preciso, estar-se entre paredes bem estreitas, e sob um baixo tecto; e já houve quem dicesse que para grandes recordações era necessario estar sem luz, e de mais a mais com os olhos fechados: e até dormindo!

— Bella theoria!

Em ar de gracejo. O rapaz nunca se deixa vencer; quando lhe faltão argumentos para sustentar a sua doutrina, ridicularizão a do contrario, ou acaba com um dito ironico.

— E a questão terminou.

VIII

Mudando sempre de conversa, e passando suceessivamente de uma a outra questão, proseguião os trez o seu não premeditado passeio. Estavão de continuo a questionar, e as vezes era tão animado o debate que paravão, formavão grupo, e demoravão-se por muito. Buscava sempre algum delles contrariar a seus companheiros, só para abrir discussão, embora estivesse assás convencido de que sustentava absurdos.

Quasi nunca são concordes os pensamentos *rapaziaticos*: em qualquer couza achão ponta, e pachão por ella até arrebental-a.

Experimentem, e verão que é assim.

Mas de subito um acontecimento imprevisto veio embriagar os em reflexões, que, graças a Deos! erão bem concordes. Nem podera deixar de o ser.

Recostada a cima janella, e como que meia descuidada, brincava innocentemente uma bella com uma das suas luvas, mimozas como as suas mãos!

Quanto era arrebatador aquelle anjo, como que esquecido da vida, sorindo-se sem pensar, desprezando talvez os primores que o passageiro adorava como divinos!

E como não! Bella, qual nunca a tivera sonhado uma vizão de poeta, indaa mais elegante que a *Esmeralda*, com seus negros cabellos cuidozamente á italiana, sua cor amorenada, e uns olhos onde morrem todos os desejos, onde fervem todas as paixões, onde morão todos os amores. Bella! bella, como a estrella do Ceu, que reflecte envergonhada a sua luz fugitiva! Era uma destas imagens que o poeta vê por instantes, que o arrouba ao vel-a, mas que não pode pintar, porque essa figura divina vem ainda depois transportá-lo para um mar de recordações, para um extase em que elle se esquece do mundo, de si proprio, e fica como que insensato com aquella imagem que se lhe afigura n'alma!

Bem precisamente quando os trez mancebos passavão por de frente dessa bella dama, sucedeo cahir-lhe uma de suas luvas; e um dos moços deo-se por muito feliz pelo successo, porque elle teve a ventura de apanhal-a. Muito feliz, porque esse serviço foi retrabido com uzora: a moça desprendeo de seus labios um terno — obrigada — acompanhado de um matador volver d'olhos.

Havia n'aquelle meneio um não sei que de celeste; era uma expressão surda, mas que fallava muito mais que qualquer guindado discurso. Era um sentimento partido d'alma, grande e eterno, como um fallar do coração.

E esse — obrigada — foi pronunciado com tanta temidez, que fez enrubescer as faces da linda jovem. E a manifestação desse puder, e esse corar repentino, tornou ainda mais bella a nossa jovem brazileira.

Quanto era encantadora!

VIII

O magio volver d'olhos de uma bella é, abaixo de Deos, a maior potencia que existe no mundo.

IX

— Com effeito, Augusto, tiveste uma gloria que poderá reputar um dos mais bellos episodios da tua vida.

— Oh! aquelle olhar matou-me!

— Foi uma verdadeira felicidade.

— Foi uma ovacão !

— Antes isso, que entrar em Roma com a fronte laureada, montado em um carro de triumpho. Não é assim, bacharel ? Entretanto, prosseguia Gustavo, um tanto despeitado pelo acidente de seu collega, eu posso ser ainda mais feliz.

— Como ?

— Não é tão linda aquella moça ?

— Como a virgem !

— Reparaste n'uma violeta que ella traz ao cabello ?

— Deixa me por a luneta.... responde Augusto voltando-se para encarar a moça : que linda violeta !

— Pois aquella flor pode ser minha.

— Isso é impossivel.

— Muito impossivel, impossibilissimo, diz Leonardo que até então estava calado, tinha seguido pensativo a aventura de seus companheiros.

— Não é impossivel.

— Isso é palanfrario.

— E' que elle não é capaz de ter aquella violeta.

— O que apostá ?

— O que quizer.

— Bem, Gustavo, se tiveres a violeta pagar-te-hemos um almoço no Pharoux, e se a não tiveres ficarás obrigado a publicar o trimestre de um jornal litterario. não é assim, Leonardo ? Este fez um signal de affirmação.

— Aceito, concordou Gustavo.

— E' o que havemos de ver, concluirão os dois.

— Entretanto, já vai anoitecendo, e eu tenho amanhã a sabbatina de chimica.

— E eu tambem.

— Pois vamos para caza. Mas amanhã, meu caro Gustavo, eu quero a resposta da tua — violeta.

— A qualquer hora.

X

Erão trez horas da tarde. Gustavo estava em sua caza, a mesma de que fallamos no segundo capitulo. Fazendo gestos, contrahindo as feições, ora tomando atitudes tragicas, ora surrindo-se furtivamente, escrevia e escrevia muito. Depois lia o que tinha escripto, saptisfazia-se e dizia :

— Está bonito.

SENTIMENTO E AMOR,

Melhor do que nós poderíam discorrer aquelles que presentemente estivessem afectados de qualquer causa sentimental, ou *amoruda*.

Se fosse possível reunir essa grande assemblea e ouvirmos o que cada um exprimia, e á maneira porque o fazia, seria de uma importância incalculável.

Estar com *sentimento*, entendemos nós quando cá uma causa por dentro põe-se a corresponder a uma causa de fora: se é de dôr ficamos todos *capimelozos* todos *lagrimaticos*; se é de gosto, ou de amor o sentimento que nos afecta, seja qual for o objecto que o causa, ficamos todo *derretido*, *dengozo*, *garrido*, e muitas vezes transportado a um hemispherio sublime, e só conhecido nestas occasões de delícias.

E' um dos grandes motivos porque não ha quem não queira ter *sentimento* ainda que seja produzido por um gole de agoardente, ou por uma dose de *Caba* pelo lonho, se porem é produzido pelo contacto de um corpo macio e perfumado, que afecta todos os orgãos, então é tão apreciavel como a eternidade o deveser, quando for occasião de a experimentarmos. E' a propriedade que tem o sentimento — fazer o gosto desde que se começa a sentir a influencia de qualquer causa que nos afecta.

Ora, nós que temos experimentado diversos sentimentos sofrido milhares de sensações; e conhecido suas diferenças, queremos o *sentimento* no ultimo cazo que o apresentamos.

Quem ha por ahí que tendo a cabeça no seu lugar que não queira sentir-se afectado por uma causa boa? quem ha que não queira experimentar um *sentimento* mesmo produzido por uma boa *carrapana*, ou as delícias produzidas pela inchação do estomago em um bom jantar, na caza, e em companhia de amigos, amigos todos da *bambochata*? Se houver quem pense assim estou eu com elle; pode dar tudo bom, e que possa produzir bons sentimentos que mudo-me, vou viver com elle.

O amor — isto agora é outra causa, mais comprida, mais complicada, cheia de folhos e refolhos; porem nós vamos tambem meter neste assumpto o nosso nariz. O amor é para nós o sentimento mais nobre, mais elevado, e que mais nos ajunta as propriedades com que o Crador quiz assemelhar a humanidade a si. Mas digão, ha causa melhor do que ter-se um amorzinho? Digão os rapazes, as raparigas claras, escuras, morenas, palidas e de todas as cores? elles que digão se não é bom ter-se um amorzinho seja de que feitio for, a cor se lhes queira dar, mas que seja *repinicado* gosto, terno, mimozzo, e até mesmo libertino?

O amor devide-se em umas poucas de ramagens, em uma porção imensa de variados sentimentos, mas é elle o pharol que

encaminha tudo isso. Cada um sente o amor a seu modo; uns tem arrebatado, imperioso e tresloucado, outros terno, derretido, e maviozo, outros lascivo, descarado, até mesmo imoral; mas isto é maneira de cada um, e nunca a couza em si; porque em cada um destes diversos *amurudos*, se encontra um defensor acerrimos do objecto de seos amores. Em ambos os sexos é a mesma couza; quando são atacados por esta enfermidade, todos ficão como as crianças, sentem e querem só gozar sem reflexão e sem cálculo. Então é porque o amor é gostoso!? Se é; diga lá quem o tem sentido e gozado em todas as épocas de sua vida.

Ainda temos muito *sentimento* e muito *amor*, até outra vez.

Rodrigues Silva,

S. D. P. AMAZONAS.

Em fin chegou a noite deleitoza! depois de tantas tempestades e contratempos, uma delonga bem fastidiosa, levou a sociedade — Amazonas a sua recita à scena.

Entremos pois no desenvolvimento do que vimos, e do apreço que lhe demos.

O Theatro achava-se bem adornado; em cada ordem de camarotes havia duas ordens de bambineillas de damasco, outras de seda de bem combinadas cores, e um ramo de flores naturaes em cada uma das separações de um camarote a outro. Estes ramos desaparecerão como por encanto apenas se findou o divertimento. Só dahi a pouco viamos cada familia levando o seo cavalheiro ou um criado a cargo de um desses ramos. Logo percebemos que seria para esse fim que terião depositado nesses lugares um ramo de flores para rivalizar com as bellas; pois, melhores ramos tinhão, aquelles camarotes que mais mimosas e gentis damas apresentavão.

Havia demonstração de boa vontade e gosto, porque tanto os camarotes como a platea e cadeiras, tudo estava cheio de pessoas conhecidas e de boa qualidade. Brilharão os socios.—As encantadoras tambem brilharão, fazendo um contraste entre os seos adornos e vestuario. Do lado direito da entrada brilhavão os semblantes encantadores e as formas elegantes por sobre os vestidos brancos, do outro, aqui e ali sobressaião as cores escuras e mesmo a preta do vestido de muitas bellas sobre tudo na segunda ordem. Ficariamos mais contentes se mais perto estivessemos. A segunda ordem, de qualquer dos lados, estava tão cheia desses ladrõesinhos que roubão o coração da gente, que parecia castigo! Nós perdemos o equilibrio tudo por causa de uma morena, de uma clara, e..... de todas a fallar a verdade: até mesmo as velhas.

Nada diremos sobre a escolha da peça e farça, porque isso foi sempre do gosto de quem as quer levar, ou de quem dirige uma sociedade. Trataremos somente de seo desempenho.

O Pirata Antonio mostrou interesse pelo seo papel, e mostra gosto e habilidade, achamos porem que se encohe muito e que essa posição o enfeia, e algumas vezes fazia esquecer a sua natureza. Não diremos que seja affectação, mas julgamos a propósito observar lhe isto? porque, quem sabe para que veio? quem pode prever o futuro? Um moço com a inclinação e natureza que tem o Pirata Antonio não poderá ainda a vir a ser um ornamento?

*O Conde esteve frio ao principio, mas acabou bem, deve sempre estudar melhor, para nos dar ainda mais gosto. O Lambert com sua voz pausada não é mau para os papeis em que o temos visto representar, tem a fortuna de ser optimo nos seos transportes. A escrava, alem do desfeito natural que tem sua voz, não illudia bem deixava-se conhecer que era homem. Dev a se compenetrar melhor do seo papel, em verdade não lhe achamos muito geito para mulher. Tudo o mais foi regularmente bem. O divertimento encheu e satisfez bem aos convidados.

Damos os emboras ao Presidente e mais membros da sociedade esperando que continuem a nos dar noites como essa. Ao ensaiador e à rapaziada que concorreu de bom grado para representar em outra sociedade que não a sua, damos um abraço em signal de agracimento, e uma incapaçalhão n'aquelle sapateiro que se apresentou na farça com uma cara de demonio.

A senha.

CHARADAS.

Maré cheia — grande calma — 2
Bravio touro tu ves — 2
Forte e rapido soido
Convertendo quatro em trez.

Ou verbo ou preposição — I
Tão fiel, como leal — 2
E' mineral muito rijo
E o vermelho é que mais val.

D.

N.B. Promettemos um charuto de encher as medidas ao *Doctor Doctus Marmota*, si elle proprio (*prospero*) resolver estas charadas.

A significação da charada do n.º antecedente. — é pagod e

dro invente um meio de livrar o *público* de semelhante praga, ao menos para que não se assente cada um em cadeiras de palhinha por tão alto preço. Irra! e depois nem cadeira, nem dinheiro! Também a fallar a verdade o *público* em parte é culpado disto; porque devia uma vez por todas, não comprar um só bilhete que estivesse em mão desses patucos. E que boa entrega! — Olha, viste aquillo? Que boa cabeçada! estes capoeiras são nossos pecados! maldicta raça e assim do pé para a mão vai qualquer levando sua *espada*, e fazendo ablativo de viagem para o mundo das incognitas. Eu cá puchando a bambolina era de opinião que se fizesse um sardilho, que era meter toda a polícia entre estes *mitrados* em occasião de briga a ver o que surdia. Eu queria estar de parte a observar o pagode.

*Ainda temos mais outras vistas que vão aparecendo. Vê aqueles dois a se insultarem reciprocamente, é por dinheiro; está sabido. O que grita mais é o sapateiro que fiou daquelle empresilhado já uma boa meia duzia de pares de sapatos, e até hoje nada de cobres! A maneira é boa de andar calçado. Muita gente bem pouco se importa com o trabalho alheio, com a recompensa do suor do pobre, com tanto que tire de qualqner destes algum proveito, Rapaziada até mais ver. Arrebentou-se a corda, ja não posso puchar.

Virei uma cambalhota
Estou de pernas ao ar

O pucha vistas.

COMMUNICADO.

Sr. Redactor do Magico. — Por acaso tendo vindo parar-no ás mãos alguns ns. da *Marmota na Corte*, levou-nos a curiosidade ou antes o enfado a lelos; e deparámos no n.º 210 de 19 de Outubro de 1851 entre outras raridades uma advertencia ao *illustre redactor* do *Periodico-pobre* pedindo-lhe não publicasse-artigo algum da *Marmota* sem escarrapachar este nome em letras garrafas no fim. Ora, nós lembramo-nos perfeitamente de que na *Marmota* da Bahia (que então era a *verdadeira e genuina*, por isso que no seu frontispicio estava o *Sr. Prospero*) se publicavão muitas vezes decimas &c. etc. de *Oliveira* e outro não com a palavra — *Extr.* — que seria desculpável, mas sem assinatura, de modo que vinham aparecer partes do *ilm. P.* todavia calamo-nos por que.... *agoas passadas não tocão moimho.* Mas qual não seria a nossa admiração lendo em um n.º publicado depois d'aquelle que trazia a supradita advertencia, uma poesia sem nome de autor nem declaração de *extr.*, por forma que parecia ser da lavra do *illustre redactor?* Fallamos do n.º 229 e da poesia que traz por título "Improvizo de um amante etc." O *Sr. P.* quiz fazer como alguém que entra na

redação d'um celeb e *Album* que ahi se publica; o qual *alguem* copiou uma poesia d'um periodico portuguez não declarando ser *existir*, e ainda mais em lugar da assignatura do autor. — A. X. Rodrigues Cordeiro. — escrevendo some te — *Cordeiro* — vinha mesmo como um *Cordeiro*, com pés de lan, a passar por autor da obra que não era sua.... e muitos que o não sabião havião de *comê-lo por bonito autor!*...

Pois, Illm. Sr. P., saiba que essa poesia que V. S. intitula "Improviso de um amante" foi publicada em 1848) julgava que ninguem daría fé da cousa?) na *Violeta* n. 8, periodico de S. Paulo, e d'este modo:

A inocencia do beijar. (Offerecida a F. M. V. V.)

Desiste, Amalia divina,
Deste teu casto pudor;
Não beija' avesinha flor?
Não beija a Aurora a bonina?
Quando o sol meigo s'inclina,
Não beija as ondas tambem?
Sí o amante em beijar tem.
O prazer mais innocent,
Querida Amalia, consente:
Deixa beijar-te, meu bem.

O.

Vê, Illm. Sr. P.? entende o que querem dizer aquellas palavras em griff e aquella assignatura? Querem dizer que V. S.... quiz que a obra parecesse sua e por isso nem assignatura nem extr. Pois, meu caro Sr., quem o alheio veste na praça o despe. E para concluir diremos que o Sr. quiz *tosquiar e merecer* ser *tosquiado*.

MISCELLANEA.

Os aspirantes a guarda Marinha na sua Academia de terra hoje à custa de não sei que maneira de educação levão a fazer diabrumas ou judiarias (ou como na molecagem melhor nome tenha) a quem vai passando pela ladeira da Prainha onde está estacionada agora essa nau cheia de gente. Como ia dizendo, passamos e um delles atirou uma bota velha cheia de ourina podre que exalando nm fedito insupportavel, respingou em todos que passavão. Veio-nos uma tentação e dicemos — "O' lá da Cumiera, do Ceo nunca choveu ourina, se não tem onde despejar, torne a beber."

— Consta que está para nascer uma couza extraordinaria nunca vista.

Na rua da travessa da esquina caza n.º 5 em frente ao largo do lado direito, em freato a outra do outro lado e para baixo da que lhe fica mais acima um bocadinho, ahi.... ahi é

que é a couza. Trez mulheres e trez homens cada um é dono do que lhe pertence, porem um *capote* que melhor sabe disso do que eu avizou-me que não passasse que erão capazes de me filtrar algum cobre... upa vâ de retro, não me mordas.

— Hontem em certa rua estava um grande ajuntamento, houve quem pensasse que era alguma desordem ou busca ou outra qualquer couza seria, entretanto era uma *briga de gallos!*

Ora esta gente é ainda muito pateta.

— O tal padeiro ainda continua a levar as meninas para os biliquetes. Sr. P. Sr. P. olhe tambem lhe podem amassar o lombo se V. S. padeira não toma caminho. Destes mentores não precisamos nós cá, já temos demais nas quitandeiras onde V. S. padeira deve fazer o seu filé.

— Foi muito engracado encontrarmos alguns oito pecoruchos destes ultimos chegados, serião sete horas da noite e fazia luar, e todos elles com seu cigarriuho na boca ! Oh ! tão cedo ! estão fazendo a segunda parte dos nossos moleques. Maldito vicio que é tão contagiado ! . . . tão depressa talvez não pegassem no trabalho.

— Ha uma pessoa empregada e zeladora da . . . que tem uns olhos de tal qualidade, que são capazes de . . . estando elle, de dia e de noite, parado na esquina da rua do Aljube e Conceição, os seus bons olhos encherão toda á Freguezia, e não se faz pouca porcaria, porque quando elle olha para diante tem o privilegio exclusivo de olhar para traz tambem.

— Bem dada encapelação se fosse possivel trumphar-se na quelle que por maleriado não nos corresponde a um compromimento; isto nos devia acontecer se não tivessemos a desgraça de esbarrarmo-nos com uma velha de mantilha. Implicantes baratas!

VARIEDADES,

CURIOSIDADES.

Perguntinhas d'algibeira.

— Porque motivo em todas as lojas de barbeiro hade haver algum soprador ou esfregador, ou antes, que relação haverá entre a muzica e a arte de rapar cabello (e dinheiro) á gente (e tambem ás vezes a *animaes*)? Pobre muzica! Como es malfadada no Rio de Janeiro! Estropião-te, matão-te, damnão-te . . . e estropião, matão e damnão as orelhas dos ouvintes! . . .

— Porque motivo terão muitos charuteiros d'esta capital (que já são em copia estupenda . . . ou estupida ??) um grande sol á porta com o letreiro: “ O sol quando nasce, nasce para todos,”?

Que relação haverá entre o charuto que é uma couza comprida e ás vezes grossa e o solo que é uma couza redonda e papuda? Ah! talvez queira isso dizer que como o sol nasce para

todos, tambem o dinheiro deve ter nascido para elles... O que é facto é que o n.^o das casas de charuteiro já é tão grande como o dos collegios: é uma prova de progressos... E o exercito precisando de soldados! ...

— Porque motivo o herde de Marengo e Austeroitz, o grande Napoleão passou de guerreiro a vendedor de chautos? Dar-se ha cazo que tendo dado com tudo em droga e querendo fazer tambem que os outros dêem á casca, mudasse o local da sua prizão para a rua do Ouvidor e transformasse os pãos furados em charutos, as espadas velhas em cachimbos e a polvora em phosphoros? ...

— Porque será que ha tanta carne putrida por esses açouques e por esses armazens de carne secca? Será porque os Srs. Fiscaes, logo que tomão este posto, perdem o sentido do olfacto ou entupem as ventas com alguma couza cheiroza e não sonante, ou sonante e não cheiroza? ...

— Porque motivo está há tantos anos sem ser rebocado o edifício das obras públicas na rua da Guarda Velha? Será por medo de que offusque a vista de quem é cego ou d'aquellos que por ahi vão, ou será para não tapar os buracos das paredes, o que faria mal ás andorinhas que ten ahi seus ninhos? ... Ou será para que enfim exista um perene padrão de todas as nossas obras publicas? ...

D.M.

CHARADAS.

— *Materia imponderavel* —

Se diz o dia, a vida, a intelligencia — 1.

Signal, indicio, marca conhecida — 4. e 3.

Que anima o bravo, que o cantor eleva — 2. e 4.

Tu o cantaste — tão famozo peito —

E mais o tinhas, ó Guerreiro Vate!

E o teu bronzeo coração, Affonso,

Tambem o era — que inscreveste as Quinas

N'esse estandarte . . . — Out'r'ora grande nome! ...

Quatro centas e uma vez

Que lh'o disse e não me ouvio... — 2

Nem respondeo com um só dito

Aquillo que bem ouvio — 2

Mas responder não podia!

Mas nunca uma vez ouvio! ...

D.